

## **CINEMAS, BARES E BOATES: A CONSTRUÇÃO DO GAY E DE NOVAS SOCIABILIDADES ENTRE HOMENS QUE DESEJAM OUTROS HOMENS NO RECIFE DOS ANOS 70**

Sandro José da Silva \*

**Resumo:** Os anos 70 foi um período de redefinição nas representações de certos segmentos sociais. é o caso dos homossexuais, identificados agora com uma nova imagem: o gay. Essa personagem propõe um novo estilo de vida, desligado dos antigos territórios clandestinos. A o mote era desconstruir as representações anteriores, mesmo que nem todos os sujeitos se adequassem ao novo “padrão”. O que as fontes sugerem, é que não houve tanto uma diminuição dos preconceitos, e sim um re-arranjo da maneira como os homossexuais viviam os seus desejos e ainda a interferência da indústria de entretenimento quando o Recife abriu espaços capazes de encapar a permanência de antigos preconceitos a despeito de toda a produção discursiva e imagética positiva em torno da figura do gay.

**Palavras-chave:** homossexuais - Recife - Anos 70.

## **DES CINÉMAS, DES BARS ET DES BOÎTES DE NUIT: LA CONSTRUCTION DE LA NOUVELLE SOCIABILITÉ DES HOMMES GAIS ET LES HOMMES QUI VEULENT À RECIFE SUR LE 70E**

**Resume:** Les années 70 ont été une période de redéfinition des représentations sociales de certains segments. C'est le cas des homosexuels, désormais identifiés avec une nouvelle image: l'homosexualité. Ce personnage propose un nouveau mode de vie, de l'ancien territoire illégale. La devise est de déconstruire les représentations ci-dessus, même si elle n'est pas tous les sujets sont adaptés à la nouvelle "norme". Qu'est-ce que suggèrent les sources, il y avait la fois une réduction des préjugés, mais un ré-arrangement de la façon dont vivent leurs désirs homosexuels et l'ingérence de l'industrie du divertissement où l'espace ouvert Recife en mesure de superposition de la permanence de vieux préjugés, en dépit de toutes la production discursive et l'image positive autour de la figure de l'homosexuel.

**Mots-clés:** gay - Recife - 70 ans.

No início dos anos 70, alguns locais do Recife como ruas, praças e cinemas já eram conhecidos como espaços onde homens interessados em outros homens transitavam mais frequentemente. Já as *boates* e as saunas surgiram apenas no final dos anos 70, quando foram abertos espaços de consumo destinados à emergente figura do *gay*. Vale salientar que os homossexuais não possuíam uma área única, restrita e discriminada de circulação, eles transitavam, entrecruzavam-se e misturavam-se a territórios de outros segmentos sociais como as prostitutas, os *hippies* e os mendigos. Por isso estamos de acordo com a idéia de “região

---

\* Mestrando em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

moral” trabalhada por Néstor Perlongher, caracterizada pela circulação de desejos marcados por certa ilegalidade e marginalidade. Nestes territórios, as pessoas que “derivam” não estão interessadas em fixar residência como os guetos *gays* norte americanos, onde há bairros exclusivos de homossexuais, enquanto na “região moral” há uma espécie de “nomadismo urbano” (PERLONGHER, 2005:266-288).

No caso do Recife, podemos dizer que os locais de sociabilidade homossexual estavam “pulverizados” na configuração urbana da cidade, numa interação com outros sujeitos; que cobria basicamente as áreas dos:

[...] limites do distrito da Boa Vista, fronteira com o de Santo Antônio, separados apenas pelo Rio Capibaribe e ligados pela Ponte Duarte Coelho, onde emergiram redutos que dariam origem a um complexo de estabelecimentos e um logradouro composto por becos, travessas, ruelas, recintos, passagens, calçadas e ruas, reunindo ao longo dos anos diversos indivíduos que eram caracterizados por marcos diversos (hippies, intelectuais progressistas, jovens universitários, artistas undergrounds, atores, escritores, musas, entendidos, músicos, cantores, políticos, etc.(NASCIMENTO, 2004:390).

Os discursos veiculados pela imprensa descrevem territórios marcados por seus próprios códigos de comportamento, onde os laços de amizade, a paquera e o sexo impessoal entre homens realizam-se com uma relativa liberdade. É o caso da “pegação” ou “pescaria” como era nomeada a paquera homossexual nesse período. O uso de espaços alternativos para este tipo de finalidade é um fenômeno que antecede aos anos 70 e está relacionado às implicações do modelo quase inquestionável da normatividade heterossexual e suas artes do flerte e do romance às claras, sem camuflagens, enquanto para os homossexuais foi necessária a invenção de artimanhas para contornar as interdições e poderem dar vazão aos seus desejos em lugares escondidos do resto da sociedade (CASTELLS, 2002: 239). O que ocorreu na década de 70 foi a visibilidade sobre esses locais ao ponto de alguns missivistas descreverem em suas cartas aos jornais, verdadeiros circuitos compostos por praças, avenidas, ruelas e cinemas onde a arte da “pesca” dava-se com maior intensidade. Procurava-se dar legitimidade a esses locais há tempos conhecidos na subcultura homossexual da cidade. Nessas narrativas, o espaço da rua é descrito como o lugar da periculosidade que transitava em busca de propósitos diversos como o furto, a prostituição e a “pegação” de rua.

Quem tem muita coragem, mas muita mesmo, preparando-se para tudo, pode tentar o rumo Guararapes, Dantas Barreto e Pracinha, onde os peixes são de segunda, tipo IPSEP, Ibura, Alto Santa Isabel ou Vasco da Gama. O perigo é um tanto, mas tem quem goste. Começa-se no Savoy, onde a linha pode ser jogada sem medo de fora. Quem passa por lá depois das nove faz. É um certo amigo (?). Com um pouco mais de coragem o Aero Bar está lá em frente ao Pátio de São Pedro, onde se passa

loucamente e o Douro é logo ali. Se quiser um pouco mais de perigo, o central, onde brigas e assaltos sucedem. Mas tem gosto para tudo. ( DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, SÁBADO, 01/12/1979, p. 05).

Aqueles que estivessem dispostos a transitar por esses territórios eram vistos por certos homossexuais como sujeitos que não estavam em consonância com os padrões da modernidade, dos usos dos meios de entretenimento moralmente mais aceitáveis: alguns bares e as *boates*. Os modelos de vida calcados no consumismo e no *status* sócio-econômico não eram fenômenos restritos ao meio homossexual, haja vista que a consagração do prestígio social aos poucos se consolidava nas vidas das pessoas, excluindo aqueles que não tinham o poder aquisitivo ou simplesmente não queriam se adequar aos padrões de consumo. Assim, ao lado de territórios chamados de decadentes, clandestinos e perigosos, espaços onde travestis e prostitutas exerciam os seus ofícios, emergem ambientes sofisticados em conformidade com a construção da figura do *gay*, pautada em determinados símbolos que pretendiam conferir positividade às condutas afetivo-sexuais entre homens, ainda muito discriminadas pela sociedade. Nesse sentido, a busca por visibilidade tanto em locais exclusivos para homossexuais (*boates* e saunas) como em ambientes “mistos” (SÍVORE, 2005: 34) voltados para um público diversificado (bares e cinemas) era o mote dos movimentos de libertação homossexual, cujos discursos enalteciam os que freqüentassem esses ambientes.

Taticamente, os homossexuais se apropriaram de espaços que teoricamente eram destinados ao divertimento de todos os tipos de público como, por exemplo, os cinemas do centro do Recife. A esse tempo, o Cine Veneza era um dos mais sofisticados do centro da cidade. Localizado na Rua do Hospício e inaugurado, segundo o historiador Luis Manuel Domingues, no dia 29 de dezembro de 1970. A proposta era oferecer ao público o que havia de mais desenvolvido em matéria de tecnologia cinematográfica além de uma estética de refinamento, num ambiente que comportava mais de 800 cadeiras com piso e teto acarpetado:

O cinema era ainda dotado da mais recente tecnologia de exibição existente no país e possuía uma sala de espera com sofás, um bar que servia uísque, e champangne, um espaço reservado que oferecia uma certa intimidade aos casais, um balcão servindo bomboniere e uma máquina de fazer pipoca. [...]. Era seu objetivo, portanto, dotar o espaço de uma funcionalidade, acompanhado por equipamentos, instalações e funcionários provedores de serviços e outras demandas além do espetáculo cinematográfico, capaz de atender às exigências de comodidade, recreação e divertimento do público que o freqüentava, inserido em uma estética que se voltava para a possibilidade de identificação com essas demandas. (NASCIMENTO, 2004: 351)

O que talvez pouca gente soubesse era que a partir de determinados horários e dependendo do filme exibido, as poltronas e corredores do Veneza e de outros cinemas

poderiam servir de ponto de encontro entre homens. Sendo o Veneza um dos mais disputados por essa clientela, um homossexual declarou no Diário da Noite, no dia 01 de dezembro de 1979, sua preferência por esse cinema tão ideal para paquerar, que até nos banheiros era possível encontrar alguém apesar da vigilância dos seguranças:

Como início, um bom cinema para um ligeira pegação. Que pode resultar numa excelente noitada. Mas vá com calma, principalmente nos banheiros, pois os cinemas estão colocando vigias para fiscalizar o amor que não diz o seu nome como escreveu o nosso guia espiritual Oscar Wilde, primeiro mártir da causa. Para indicar, podemos passear nas escuridões do Trianon ou do Moderno. Querendo um prato mais sofisticado você pode ir ao Veneza, onde o material é de primeiríssima. É ótimo. (DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, SÁBADO, 01/ 12 / 1979, p.05.)

Ao longo da década de 70, os cinemas foram sendo apropriados pelo público homossexual, ampliando dessa forma, a topografia de sua sociabilidade nesse momento, estruturada na afirmação de uma identidade disposta a sair da clandestinidade e usufruir do espaço urbano construindo verdadeiras “cidades homoeróticas” (Cf. ALBUQUERQUE JUNIOR E CEBALLOS, 2004: 133-134). Apesar de ainda não disponibilizarem salas de exibição com filmes pornográficos de temática exclusivamente homossexual, as pornochanchadas com cenas eróticas e a penumbra eram suficientes para atrair homens dispostos a travar contatos mais íntimos entre si, mesmo que fosse às escuridões do *Trianon*, localizado na Avenida Guararapes, esquina com a Rua do Sol, próximo à Agência Central dos Correios ou no Cine Moderno, localizado na Rua Floriano Peixoto, próximo a Estação Central do Metrô. Basta saber que o cinema São Luís localizado na Rua da Aurora, no centro do Recife, em dezembro de 1979, manteve em cartaz o filme *Sexo Selvagem*. Já o cine duplex *Ritz e Astor*, localizado na Avenida Visconde de Suassuna, próximo ao Parque Treze de Maio, exibiu *O Gênio do Sexo* e *Troca de casais à Italiana*, respectivamente. (JORNAL DO COMMERCIO, RECIFE, DOMINGO, 02/ 12/ 1979, p. 36) O São Luís e áreas próximas era muito freqüentado por homens cujas intenções eram exercer a “pescaria”, às margens do Rio Capibaribe:

Aqui a arte da pesca também é muito praticada, principalmente às margens do Rio Capibaribe, onde existe o famoso “quem me quer”, um cais de ambas as margens – Rua do Sol e Rua da Aurora, sendo que nesta última, em frente ao Cine São Luís, a pesca acontece ao contrário, quer dizer, são os peixes que se lançam à pescaria. (DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, SÁBADO, 20/10/1979, p. 04).

Os enunciados propostos por esses atores sociais por vezes objetivam camuflar certas práticas, para isso, figuras de linguagem são empregadas no lugar do vocabulário amoroso dos heterossexuais. Daí os enunciados que falam de práticas como “pescar” e

“pegar” em substituição ao verbo paquerar, por exemplo. Vê-se que, embora a homossexualidade estivesse ganhando sua própria voz nos meios de comunicação, essa fala possuía limites impostos pela hostilidade social, historicamente imposta sobre sexualidades destoantes da norma heterossexual. Em nossa cultura, o vocabulário amoroso foi basicamente edificado sob o crivo do amor romântico, representado pelo ideal de casal heterossexual, em contraposição ao lugar ocupado pela homossexualidade, figurada como algo ilegítimo e destoante, não autorizado a pronunciar o mesmo vocabulário sublime do romantismo (COSTA, 1992: 93-94).

Geralmente os locais de “deriva” homossexual mantinham uma relativa proximidade territorial entre si, facilitando os deslocamentos dos sujeitos entre as *boates*, as lanchonetes, os cinemas e os bares. Destes, o bar *Mustang* era um dos principais, localizado numa loja térrea do edifício Ambassador, na Av. Conde da Boa Vista, esquina com a antiga loja Mesbla, hoje Riachuelo. Embora não fosse um local voltado para o público homossexual, este se fazia presente como sugere a alcunha dada ao bar: *Mustangay*. Ele se prestava a uma das estratégias empregadas pelos grupos militantes, que era a de integração em todos os ambientes passíveis de visibilidade. O *Mustang* parece ter sido um espaço fundamental para esse tipo de empreitada, a começar pela sua localização ser a movimentada Av. Conde da Boa Vista. Apesar de ser um bar “misto”, ele é descrito como um local privilegiado do circuito da “pegação”. De acordo com um missivista, disposto a indicar aos leitores da seção “Mundo Guei” no Diário da Noite, o mapa da territorialidade homossexual do Recife, podia-se, após uma sessão de cinema no Veneza, ir ao *Mustang*, pois o *status* sócio econômico de alguns frequentadores era especialmente diferenciado:

Logo quando terminar a sessão das sete, a mais concorrida, vai-se ao Mustang (dito Mustangay por certos críticos enrustidos, porém toda noite...). Lá a guerra é guerra, bicha mata bicha, num verdadeiro Butantan, contudo os pratos são de boa qualidade, principalmente se chegar até as nove, nove e meia, nunca depois das dez, porque senão vai se raspar fundo de panela. A concorrência é grande, principalmente de psiquiatras, artistas plásticos, estudantes universitários e outros bichos (?) mais. (DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, SÁBADO, 01/ 12/ 1979, p. 05)

Se o *Mustang* era um dos pontos mais concorridos para as artes do “*flirt*”, o Bar do Urso, localizado próximo a ele, não parece ter sido tão disputado, principalmente por sua localização ser menos visível do que o *Mustang*. Tanto é que se aconselhava aos homens que conseguissem parceiros no bar *Mustang* a se dirigirem ao do Urso, pois assim não se corria o risco de perder o “peixe”. Vê-se que, ao mesmo tempo em que os discursos convocam os

homossexuais a se integrarem nesses espaços, também transparece certa rivalidade, principalmente quando se trata de questões envolvendo paqueras:

Não perca seu preciosíssimo tempo. Conseguindo alguém, se dirija rapidamente para o bar do Urso, atrás do Mustang, pois ficando lá colegas de trabalho podem tomar o peixe e você vai ficar na mão. O que é péssimo, sendo melhor ir para casa ver televisão. Neste caso veja a coluna filme na TV ( DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, SÁBADO, 01/ 12/ 1979,p.05)

No final dos anos 70 as pressões dos grupos militantes para que os homossexuais pudessem expressar seus desejos sem medos e culpas intensificaram-se. A abertura política foi apropriada como metáfora para aqueles que, tempos antes, se privavam de expressar as suas sexualidades fora da clandestinidade e nesse momento, pelo menos teoricamente, poderiam gozar da liberdade como quem volta de um longo exílio. As fontes sugerem a existência de uma territorialidade homossexual perceptível até mesmo para os sujeitos não iniciados no meio, ou para os homossexuais que moravam em outra cidade e não conheciam o Recife, bastava ir ao centro do Recife nos fins de semana para constatar a nova realidade:

Quem vem ao Recife e quer se entrosar na vida guei da cidade não precisa de guia ou cicerone, pois tudo aqui funciona às claras, sem camuflagens. Nosso movimento guei esta cada dia melhor e mais aberto. O pessoal nas ruas, aos bandos, em revoadas nas noites de sexta e sábado pelas ruas centrais... Como diz um dos nossos jornalistas: “a população já acostumou a vê-los desfilando pelas ruas, descontraídos, mais soltos do que pensamentos de anistiado, e tão perdidos quanto o rumo do Skylab”. (DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, SÁBADO, 20/ 10/ 1979, p. 04)

As “revoadas” de homossexuais não tinham um destino certo, poderiam tanto ficar perambulando pelas ruas da cidade como se dirigirem para locais de divertimento mais seletivos como as *boates*. As fontes indicam que estes espaços surgiram na segunda metade dos anos 70, impulsionados, basicamente por dois fatores: a crescente visibilidade dos homossexuais e o investimento do capital acumulado por alguns empresários na fase conhecida como milagre econômico brasileiro (GREEN, 2000: 400). Este crescimento econômico para alguns setores da sociedade brasileira ocorreu no mandato do presidente Garrastazu Médici (1969 - 1973) quando os benefícios econômicos possibilitaram o investimento dos empresários nos mais diversos ramos das demandas requeridas pela sociedade. As classes médias e altas foram as mais beneficiadas com a expansão e consolidação capitalista, tendo como um dos fundamentos essenciais a ação do estado no direcionamento do capital nacional e dos investimentos estrangeiros (HABERT, 1996:13-14). Sem querermos simplificar a complexidade do processo de abertura dos espaços para o público homossexual, pode-se dizer que esta abertura foi o resultado da emergência *gay*,

articulada com o investimento econômico nesse novo nicho de mercado (GREEN, 2000: 400). Para o ano de 1980, retomamos, as fontes indicam a existência de três boates *gays* no Recife: *Misty* ou *Mister* situada na rua do Riachuelo, próxima ao bar *Mustang*, *Vogue* e *Stok*, ambas instaladas no edifício Novo Recife, por trás do cinema São Luiz. (DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, QUINTA- FEIRA, 14/ 02/ 1980, p. 04). Essas casas noturnas, amiúde, eram freqüentadas por sujeitos integrantes da classe média, pois o próprio valor da entrada já era suficiente para dificultar o acesso de homens provenientes de extratos sociais mais inferiores. Para se ter uma noção do valor da entrada cobrada pela *Misty* (Cr\$ 300,00), pela *Vogue* e *Stok* (Cr\$ 200,00), um jornal custava em média Cr\$ 8,00 (DIÁRIO DA NOITE, RECIFE, QUINTA- FEIRA, 14/ 02/ 1980, p.04).

É necessária cautela ao se analisar os enunciados que preconizam a existência de um Recife paradisíaco, sem preconceitos, sobre manifestações homossexuais, haja vista que ainda no final dos anos 70 havia repressão e censura gerada, em parte, pela idéia de homossexualidade relacionada por problemas hormonais e por vícios. Foi o caso de um leitor que indignado escreveu para o Jornal do Commercio, no dia 02 de novembro de 1978, revoltado com um candidato a deputado federal que estava apoiando o movimento *gay* e que com isso incentivava a prática do “homossexualismo” (JORNAL DO COMMERCIO, RECIFE, QUINTA-FEIRA, 02/ 11/ 1978, p. 02, 1º CADERNO). O uso da palavra “homossexualismo” (no lugar de homossexualidade) era corrente nesse período e tem suas origens no século XIX, nos discursos patologizantes dos médicos, psiquiatras e psicólogos à procura de uma natureza única dos homens identificados por seus “desvios” sexuais (FOUCAULT, 1988: 50-51). Não podemos afirmar se a intenção do candidato era realmente defender os interesses do movimento dos homossexuais, tampouco sabemos se o leitor era adepto de um partido de oposição ou ainda se sua crítica era simplesmente fruto de moralismo, mas cabe-nos perceber como, para ele, era condenável e indigno esse tipo de iniciativa em um candidato que se pretendia sério, defensor das causas sociais. Vejamos então, um trecho da carta enviada para a redação do Jornal do Commercio:

Falo do candidato a deputado federal Baiardo de Andrade Lima. É claro que este cidadão não deve se eleger. Todavia, mais claro ainda está que ele, de maneira desumana se apresenta como incentivador festivo de um problema muito sério que é o homossexualismo, apresentando-se como defensor de movimento “gay” (denominação dada agora a homossexual).  
Esse tipo de movimento (creio inclusive ser sem nenhuma convicção por parte do seu novo líder) é simplesmente estarecedor.  
É submeter ao ridículo uma comunidade que mais merece assistência médica e psicológica do que propriamente alguém que, mesmo de gozação, isso é o que o tal

Baiardo faz, agrave o problema. (JORNAL DO COMMERCIO, RECIFE, QUINTA-FEIRA, 02/ 11/ 1978, p. 02, 1º CADERNO)

Isso posto, é preciso cautela quando se lê e analisa os textos que descrevem a cidade do Recife como um lugar paradisíaco para os homossexuais, sobretudo nos fins do período em tela sob as luzes inebriantes das discotecas. Pois, tanto os antigos quanto os novos espaços não deixam de ser alvo de críticas, por vezes surgidas no próprio meio *gay*. O que as fontes sugerem, é que não houve tanto uma diminuição dos preconceitos, e sim um rearranjo da maneira como os homossexuais viviam os seus desejos e ainda a interferência da indústria de entretenimento, quando abriu espaços capazes de encapar a permanência de antigos preconceitos a despeito de toda a produção discursiva e imagética positiva em torno da figura do *gay*.

#### **FONTES:**

**Diário da Noite**, Recife, sábado, 20/10/1979, p. 04

**Diário da Noite**, Recife, sábado, 01/12/1979, p. 05

**Diário da Noite**, Recife, quinta-feira, 14/02/1980, p. 04.

**Jornal do Commercio**, Recife, quinta-feira 02/11/1978, p. 02, 1º caderno

**Jornal do Commercio**, Recife, domingo, 02/12/1979, p.36.

#### **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz e CEBALLOS, Rodrigo: Trilhas urbanas, armadilhas humanas – a construção de territórios de prazer e de dor na vivenciada homossexualidade masculina no nordeste brasileiro dos anos 1970 a 1980. *In* SCHUPUN, Mônica Raisa (org): **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

HABERT, Nadine. **A década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 1996.



NASCIMENTO, Luis Manuel Domingues do. **Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969 - 1975): sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife, e o Romance: A Rainha dos Cárceres da Grécia, de Osman Lins** Recife, 2004. Tese (Doutorado, UFPE).

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. Territórios marginais. In GREEN, James Naylor, TRINDADE, Ronaldo (orgs). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SIVORI, Horacio Federico. **Locas, chongos y gays: Sociabilidad homosexual masculina durante la década de 1990**. Buenos Aires: Antropofagia, 2005,